

O PAPEL DO EDUCADOR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO ABERTA DO EDUCADOR EDIVALDO M. BOAVENTURA

Fábio S. Santos¹

RESUMO

Diante da necessidade de refletir sobre o cidadão que a escola contemporânea pretende formar, torna-se imperativo analisar a importância dos aspectos afetivos que impulsionam o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. O presente trabalho analisa o papel da afetividade na fundamentação do processo relacional estabelecido em sala de aula, bem como, o papel do educador na transformação social. Em Edivaldo M. Boaventura, especialmente, na obra “Educação Aberta e Comunicação em Sala de Aula”, evidencia-se a natureza pragmática e a influência da emoção no que diz respeito aos estímulos e motivações necessárias à aprendizagem. A relevância desta pesquisa está ligada ao seu objetivo: apontar algumas possibilidades para um ensino efetivamente democrático, que oportunize aos alunos, apropriação exitosa dos conhecimentos essenciais para vivenciarem a cidadania ambiental plena. Por meio de uma pesquisa exploratória, defende-se uma educação aberta como fundamental para a transformação social.

Palavras-chave: Edivaldo M. Boaventura; Educação Aberta; Afetividade, meio ambiente, aprendizagem.

ABSTRACT

Given the need to reflect on the citizen that the contemporary school intends to form, it is imperative to analyze the importance of the affective aspects that drive the development of teaching-learning. This paper will analyze the role of affectivity in the foundation of the relational process established in the classroom, as well as the role of the educator in social transformation. In Edivaldo M. Boaventura, especially in the book “Open Education and Classroom Communication”, the pragmatic nature and the influence of emotion on the stimuli and motivations necessary for learning are highlighted. The relevance of this research is linked to its objective: to point out some possibilities for an effectively democratic teaching, which gives students the opportunity, successful appropriation of the essential knowledge to experience full environmental citizenship. Through exploratory research, an open education is defended as fundamental for social transformation.

Keywords: Edivaldo M. Boaventura; Open education; Affectivity, environment, learning.

¹ Pós-Doutorado em Direitos Fundamentais. Doutorado em Direito Público pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestrado e Doutorado pela Universidade Salvador (UNIFACS) e Bolsista CAPES. Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Especialista em Direito Público e em Docência do Ensino Superior. Pesquisador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Membro vitalício da Academia de Letras Jurídicas de Ilhéus/ BA (ALJIL), Cadeira nº. 26 “Edivaldo Machado Boaventura”. Professor (Cursos de Graduação e Pós-Graduação Lato Sensu e Mestrado) de Direito, Metodologia Científica e Pesquisa Jurídica. E-mail: fabiosantosdireito@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 1994, a Revista da FAEEBA, do Departamento de Educação – Campus I (Faculdade de Educação do Estado da Bahia – FAEEBA), publicou sua terceira edição, trazendo o tema Educação e Comunicação. Vários autores apresentaram reflexões sobre inter-relações destes dois pilares que diferenciam os humanos dos demais seres vivos. Entre elas, destaca-se o texto “EDUCAÇÃO ABERTA E COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA” de autoria do professor Edivaldo M. Boaventura², que evidencia os principais aspectos que notadamente regem a Educação Aberta. Utilizando a obra citada como alicerce, este ensaio tem como finalidade, discorrer sobre o processo relacional em sala de aula e sua influência na compreensão do papel do educador na transformação social.

Na presente estruturação do texto, serão apresentadas, inicialmente, algumas considerações sobre o tema em análise, seguidas por um quadro, onde relacionar-se-ão as principais ideias do texto “Educação Aberta e Comunicação em Sala de Aula”. Posteriormente, abordará a qualidade do relacionamento em sala de aula, e buscará respostas para as seguintes questões: é possível estabelecer o equilíbrio entre a autoridade do professor e a autonomia do aluno? Na educação, autoridade e autonomia são palavras antagônicas ou complementares? E finalmente, qual o papel da afetividade nesta relação?

Assim, na última parte, configuram-se as considerações finais, unindo os tópicos anteriores, e desvelando propriedades fundamentais da educação aberta aplicadas às questões contemporâneas no contexto educacional.

A metodologia utilizada contemplou uma pesquisa exploratória, incluindo revisões, documentais e imagéticas, elaboradas a partir de material já publicado, e, constituída, principalmente, de livros e artigos, que permitiram a fundamentação teórica explícita neste argumento. A internet alarga as possibilidades de cruzar informações, de maneira que oportuniza ao pesquisador dividir e trocar dados com a inteligência coletiva (LEVY, 1998).

² Edivaldo M. Boaventura, ME, Juris Dr, DL, Ph.D. - Prof Emérito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Educador Baiano. Fundador da Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

2 CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL E EDUCAÇÃO ABERTA

A partir da leitura do mencionado artigo, pode-se observar que a realidade da educação há duas décadas, já precisava ser reinventada no sentido de priorizar o aluno e o seu processo de aprendizagem, de forma respeitosa e individualizada, onde fossem observados seus saberes prévios, para que, através do estímulo ao sentido de pertença o tornasse apto a se perceber um cidadão de direito, participativo e cooperativo preparado para as mais variadas interações sociais. As necessidades continuam atuais e mais urgentes.

- a) O autor entende como principal fundamento da educação aberta, a qualidade do relacionamento entre professor e aluno, bem como entre alunos e alunos. Estabelece para maior entendimento, uma comparação entre as orientações da educação tradicional e da educação aberta.
- b) Explicita os propósitos da educação aberta, principalmente a sua aplicação no desenvolvimento de um **clima favorável na sala de aula**. E, apresenta um confronto dos dois sistemas – educação aberta e educação tradicional. Revela ainda, o principal **emprego da educação aberta nas estratégias do ensino** desde o arranjo físico, passando pela identificação das partes e dos objetivos emergentes, até alcançar a auto avaliação.

O educador Edivaldo Boaventura explica que as duas têm fundamentos filosóficos e com propriedades nitidamente diferentes: na educação tradicional enfatiza o conhecimento e a educação aberta prioriza a existência.

Conhecer, para a educação tradicional, é o mais importante, bem como a sua qualidade. Para a educação aberta, a ênfase se coloca na qualidade do ser, sendo o conhecimento um meio da educação e não o seu fim. A questão final da educação não é o que o homem sabe, mas o que ele é.
(BOAVENTURA,1994)

O aspecto da educação aberta aqui aprofundado está associado a não fragmentação do currículo, a presença de disciplinas com bases transdisciplinares, e mais detidamente a questão da validação do aluno e das suas ações individuais e coletivas. Uma educação mais humana, que se oriente pela máxima atribuída a

Gregório de Matos “o todo não é o todo sem as partes e as partes não são nada fora do todo”.

Dando seguimento a este pensar, acrescenta-se que a parte não faz parte do todo, se não altera esse todo. Ou seja, em sociedade não basta fazer parte, tem que sentir que pertence, que é, e faz a diferença. Assim, também, deve ser o papel do educador na transformação social.

Existem contrastes abissais entre todos os grupos e cada um dos membros da coletividade, e a convivência com essas particularidades de forma harmoniosa, solidária, afetiva e respeitosa, será condição *sine qua non*, para a qualidade de vida no planeta. A escola é o palco mais significativo para este exercício de coexistência, e o desafio do sistema educacional é entender os aspectos facilitadores neste intrincado processo de ensino aprendizagem.

Uma das percepções mais avançadas, e posta em evidência pela educação aberta, e a necessidade de aplicação de novas estratégias de ensino, uma nova forma de abordagem, para que o aprendizado seja mais intenso e efetivo ampliando o desenvolvimento individual do seu público alvo. A educação pode ser considerada aberta, quando no processo ensino aprendizagem, são respeitadas as particularidades individuais e as especificidades culturais, políticas, sociais e econômicas de cada grupo.

O conhecimento se organiza nas interações humanas, não são imputados geneticamente. Ainda tratando sobre a importância da aprendizagem para a convivência social, Freire e Scaglia (2003), afirmam que:

Não é instinto que nos guia, mas o conhecimento que podemos construir e acumular ao longo de nossa existência. Tudo indica que nascemos para aprender. Considerando que o meio em que vivemos não é natural, mas cultural, e que a cultura humana se altera a cada instante, precisamos, dar conta de viver nele, aprender permanentemente (FREIRE e SCAGLIA, 2003, p.15)

E afinal, o que significa o termo Educação Aberta?

O termo “educação aberta” teve muitas abordagens ao longo dos anos, tais como aprender fazendo, aprendizagem informal, abordagem holística, aprendizagem no mundo real (“aprendizado autêntico”) e muitos outros. No entanto, espera-se que professores e alunos estejam abertos às variedades de abordagens de ensino, que acabam por ser, talvez, a estrutura histórica mais útil para a compreensão dos atuais desafios da aprendizagem em rede e abundância digital. Em épocas anteriores, as aulas da educação aberta

muitas vezes pareceram apenas uma contracultura alternativa (lembra-se da “sala de aula aberta”?).³ (TRENT, NEERU e KUMAR 2008, p.89)

TRENT, NEERU e KUMAR (2008, p.89), autores do sexto capítulo intitulado **“Uma Colheita Muito Farta? Uma Estrutura para a Fatura Educacional”** - parte integrante do livro *EDUCAÇÃO ABERTA. O Avanço Coletivo da Educação pela Tecnologia, Conteúdo e Conhecimento Abertos* – citam um estudo⁴ em que se evidenciam as investidas da “educação aberta” na década de 1990 quando associada ao “ensino facilitador” – usado como um método de instrução direta – produziu melhores resultados.

Aspectos do ensino facilitador:

- Resposta ao sentimento do aluno.
- Uso de ideias dos alunos nas interações instrucionais em curso.
- Discussão com os alunos (diálogo).
- Elogio dos alunos.
- Fala congruente do professor (menos ritualística).
- Adaptação de conteúdos para a estrutura de referência individual do estudante (explicações criadas com o objetivo de atender às necessidades imediatas dos alunos).

Os citados aspectos do ensino facilitador guardam na essência os mesmos critérios que a educação aberta. E em relação à educação tradicional, quais as características mais impactantes que as diferem? Boaventura (1994) destaca:

1. Quanto aos fundamentos – Edivaldo M. Boaventura entende como principal fundamento da educação aberta, a qualidade do relacionamento entre professor e aluno, bem como entre alunos e alunos.⁵

³ Trent Batson, Neeru Paharia e M.S. Vijay Kumar. *EDUCAÇÃO ABERTA. O Avanço Coletivo da Educação pela Tecnologia, Conteúdo e Conhecimento Abertos. Uma Colheita Muito Farta? Uma Estrutura para a Fatura Educacional* capítulo 06 editado por. Toru Iiyoshi e M.S. 2008, p.89

⁴ W. Huitt (2001), Humanism and open education, Educational Psychology Interactive (Valdosta, GA: Valdosta State University).

⁵ A qualidade relacional em sala de aula é tema sempre debatido no contexto da Educação Aberta.

2. Quanto à motivação - na educação aberta, encontram-se outras justificativas que não prêmio, punição e competição. O importante, nessa orientação, é o objetivo educacional de ajudar o aluno a crescer e a se desenvolver da melhor maneira possível como indivíduo, sem atenção – comparação - ao desempenho dos outros.
3. Quanto ao processo de ensino - O processo de ensino, por exemplo, na educação tradicional é muito mais transmitido oralmente pelo professor. Pesquisas revelam que o professor nesse sistema fala 60 a 90% do tempo. Já na educação aberta, as colocações verbais acompanham as experiências com objetos. Quando o estudante aprende, ele reparte com os outros. Aí há o estímulo à cooperação e à colaboração, que são valorizadas.
4. Quanto à avaliação - no processo de avaliação, se a educação tradicional apura pelo teste e pela observação pessoal do professor, na educação aberta "a medida do trabalho do aluno é o próprio trabalho do aluno" (BOAVENTURA, 1994)⁶. A melhor maneira de avaliá-lo é observando-o ao longo do período escolar.

Para Edivaldo Boaventura (1994), na educação tradicional, o professor limita-se a transmitir a matéria de forma e aos alunos fica apenas a obrigação de “escutar e memorizar”. Não há interação. Na educação aberta, a relação é dialogal, genuinamente centrada no aluno, e deve corresponder às suas necessidades conforme as facilidades do meio. Ele resumia e comparava no seguinte sentido:

Tabela 1: Características da Educação Tradicional e da Educação Aberta, segundo o autor Edivaldo Boaventura

EDUCACAO TRADICIONAL	EDUCACAO ABERTA
1. A designação para a sala de aula está baseada na idade.	Faixa etária, tempo e horário são mais flexíveis posto que o objetivo maior do professor é frequentemente o indivíduo, mais do que o grupo.
2. A promoção anual é por grau;	A promoção do aluno não é estimulada através de prêmio e/ou castigo. Ela é processual ininterrupta e personalizada.

⁶ Anotação de citação do professor Edivaldo Boaventura em sala de aula, UNIFACS. nov.2015.

3. A escola é gerida autoritariamente e se espera que o aluno proceda conforme os padrões pré-estabelecidos	Os alunos são o centro das atenções, as normas e procedimentos são flexíveis e construídas em colaboração: docente discente, instituição;
4. O professor tem a responsabilidade da instrução de acordo com o currículo estabelecido	A origem das atividades é bem mais espontânea, aproveita-se o saber prévio do aluno.
5. A maior parte da instrução é dirigida pelo professor	A interação entre os alunos é livre e sem maiores restrições, proporcionando troca de conhecimento. Todos aprendem com todos.
6. A promoção é baseada no julgamento do professor	Mais centrada no aluno, consequentemente participativa, a promoção não é imposta verticalmente pelo professor.
7. O currículo é composto de temas acadêmicos	A relação dos assuntos estudados é bem mais larga e mais aberta. Aproveita-se os fatos da vida cotidiana local.
8. O material instrucional mais comum é o livro-texto	As atividades são múltiplas, variadas e construídas coletivamente.

Fonte: Autoria própria (2025)

3 PROCESSO RELACIONAL EM SALA DE AULA: AUTORIDADE, AUTONOMIA, AFETIVIDADE.

E possível estabelecer o equilíbrio entre a autoridade do professor e a autonomia do aluno? Na educação, autoridade e autonomia são palavras antagônicas ou complementares? E finalmente, qual o papel da afetividade nesta relação?

Edivaldo M. Boaventura (1997) aludiu que o principal fundamento da educação aberta é o clima sócio afetivo das relações estabelecidas dentro da escola. Assim, pode-se afirmar que existe um tripé estrutural, em que se ampara esta construção da qualidade relacional em sala de aula: **autoridade, autonomia e afetividade**. Para a eficiência do processo ensino aprendizagem no contexto escolar, é imprescindível a atenção direcionada para além do campo cognitivo, o reconhecimento da existência e relevância dos aspectos afetivos que traspassam essas relações.

3.1 DA AUTORIDADE E DA AUTONOMIA

Ao professor moderno as exigências de qualidade no desempenho são muito maiores que no passado. Hoje, espera-se do profissional as aptidões vocacional e emocional, somadas às habilidades no relacionamento interpessoal e a educação

emocional para possibilitar o desenvolvimento cognitivo de seus alunos urgentemente aliado ao crescimento afetivo. Boaventura (1994) defende que cabe a educação a responsabilidade de formar sujeitos dotados da capacidade de problematizar e atuar sobre as estruturas da vida em sociedade. Para garantir esta missão, o educador precisa exercitar sua autoridade. Se mostrar autoridade no sentido de ter experiência em conduzir a turma para o crescimento coletivo, se mostrar autoridade ao preparar o espaço para o diálogo sem medo.

Autoridade do professor e autonomia dos estudantes **não** é um processo paradoxal. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire afirma que,

Não obstante, uma situação dialógica implica a ausência do autoritarismo. O diálogo significa uma tensão permanente entre a autoridade e a liberdade. Mas, nessa tensão, a autoridade continua sendo, porque ela tem autoridade em permitir que surjam as liberdades dos alunos, as quais crescem e amadurecem, precisamente porque a autoridade e a liberdade aprendem a autodisciplina (Freire, in FREIRE & SHOR, 1996, p. 127).

É crucial a presença da autoridade respeitosa do professor, para o fortalecimento da autonomia no aluno. “Liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfíxiada ou castrada”, é que Freire (1997, p. 118). “O professor que ironiza as dificuldades do aprendiz, gera consequências que atingem duramente seu autoconceito, e o dano pode ser permanente”⁷. Sisto e Martinelli (2006, p. 50) explicam que, quando os alunos

[...] manifestam dificuldades para aprender acabam por se ver como mais incompetentes ou com baixo autoconceito, menos confiantes de suas capacidades e com baixas expectativas de reverter essa situação. Do ponto de vista social isso pode refletir em comportamentos de isolamento, dependência, passividade e até mesmo submissão, por se sentirem menos respeitadas e aceitas.

Chalita (2001, p. 271) completa afirmando que, “a principal regra do educador deveria ser: não destrua, construa”. O discurso do professor que julga, critica e ironiza, podem destruir pensamentos e limitar sonhos, enquanto a fala que edifica, proporciona sentimento de “eu sou capaz”, “ele acredita em mim”, e o aluno estimulado, fica mais aberto a troca de conhecimentos. Chalita (2001, p. 272), ressalta ainda que

[...] o educador precisa compreender que não é possível a uma criança ser autoconfiante se vivencia sucessivas situações em que fracassa; nem dar valor a si mesma, sendo sempre desvalorizada ou criticada; não se aprende a respeitar sendo frequentemente desrespeitada, muito menos a dialogar ou superar-se sendo constantemente censurada.

⁷ Anotação de citação do professor Edivaldo Boaventura, realizada em sala de aula, nov.2015.

A autoridade deve ser exercida de forma assertiva, promissora e prospera. Com foco na evolução do aluno preparando-o para o convívio em sociedade.

A autoridade pedagógica é uma prática complexa e contraditória, pois a autêntica autoridade leva em si sua negação, isto é, a construção da autonomia do outro. (...) podemos compreender autoridade no seu sentido mais radical e transformador que é a capacidade de fazer o outro autor (VASCONCELLOS, 2009, p. 122).

A autonomia do aluno é estimulada a partir da representação da autoridade positiva do professor, quando o mestre atua com segurança e generosidade na relação com o discípulo. Esse é o propósito da autoridade que se dispõe a liberdade. O mister é observar que,

[...] que nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ele se ponha no seu lugar' ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licenciado rompe com a radicalidade do ser humano - a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade (FREIRE, 1997, p. 66-7).

3.2 DA AFETIVIDADE

Tratar a questão afetividade no ambiente escolar representa entrar em um intrincado labirinto com amplo grau de dificuldades. A razão sempre foi colocada como contrária à emoção, era considerada ação superior e soberana, enquanto a emoção era associada ao engano e a estupidez.

Esta dicotomia historicamente estabelecida foi contrariada por vários estudiosos, entre estes, (Hume, 2009;) e (Morin, 2005). Para eles, não existe oposição entre os dois princípios: Razão x emoção / intelecto x afeto / mente x paixão. Hume afirma que “a razão, sozinha, não pode nunca ser motivo para uma ação da vontade; nunca poderia se opor à paixão na direção contrária da vontade” (HUME 2009 p.449). Isto é, as duas se completam. E Edgard Morin, (2005) disserta que o homem desenvolveu a racionalidade, ao mesmo tempo em que criou a loucura, o delírio. Ele diz que não se pode separar os dois, porque entre os dois circula a afetividade, o

sentimento, não existe racionalidade pura, até o matemático completamente dedicado à racionalidade matemática o faz com paixão.

O elemento que une autonomia, autoridade, conhecimento e educação aberta, é a afetividade. Como já dizia Carson (1962), "o saber não tem a metade da importância do sentir."

Afetividade é o significado emocional direcionado para as coisas que interessam ao sujeito. Na educação aberta, a emoção intensificada vai além do simples despertar a atenção, ela é estimulada por criar motivação para as atividades e reflexões necessárias ao aprendizado.

A afetividade no processo relacional entre educadores e educandos e práticas da educação aberta tem papel imperativo. As relações entabuladas entre o mediador, o sujeito e o objeto do conhecimento são marcadamente perpassadas por dimensões afetivas, e geram efeitos subjetivos nos sujeitos envolvidos. Esses efeitos podem ser amistosos ou inamistosos, atrair ou repelir o contato entre o sujeito e o referido objeto de conhecimento.

Desta forma, quando afetivamente estimulado, o aprendizado se traduz de forma envolvente. Na medida em que o aluno se sente confiante o suficiente para interagir em sala de aula, o prazer em aprender surge naturalmente e gera satisfação. Percebe-se também que na medida em que a auto estima vai se elevando, os índices de violência contra o professor, o patrimônio e os colegas, vão diminuindo.

O *modus operandi* amistoso contempla valoração, incentivo e capacidade de ouvir, acredita-se que o afeto deve fazer parte do profissional docente, e ser inclusive, auto motivador para sua prática. Leite; Tassoni (2002, p. 14) salientam que "falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho, reconhecer seu esforço, constituem formas cognitivas de vinculação afetiva".

Enfim, é a afetividade impressa em atitudes práticas na escola, que pode desenvolver no estudante o interesse, a solidariedade e o zelo às questões ambientais. Este sentimento deve ser foco de atenção de uma educação que se pretenda responsável, em uma sociedade interminavelmente transformada e desafiada pela modernidade.

4 CONSIDERAÇÕES FUNDANTES SOBRE A EDUCAÇÃO ABERTA

Levando em consideração o texto de Morin (2007) em que apresenta o ser humano ao mesmo tempo: físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico, vincula-se automaticamente a educação aberta, porque as duas visam lidar com a totalidade da condição humana, associando a natureza humana ao conhecimento, para em um esforço casado, suplantando as dificuldades em elucidar, esclarecer, aprender o que significa ser socioambiental em um mundo globalizado.

Percebe-se com exatidão que a educação aberta é o caminho possível para a maturação da civilidade entre os indivíduos, partindo-se do princípio que esta modalidade de ensino, tem fundamentos holísticos no processo ensino aprendizagem. A saber: se propõe pensar a comunidade escolar como um todo que merece ser vista em toda sua complexidade e contradições, atuando em favor do conjunto. Isto é, numa visão orientada pela valorização da atuação do estudante com o coletivo, estimulando o autoconhecimento e a consciência de seu papel na cooperação social em seus variados aspectos. Ora, o que se vislumbra? O papel do educador na transformação social!

Nesse sentido, pode-se inferir, a reflexão sobre a necessidade de um maior comprometimento do estudante e do corpo docente na percepção das questões ambientais locais, como uma das etapas para alcançar êxito e eficiência com a educação aberta. Que deve ser também orientada pelos objetivos da Educação Ambiental, definidos na I Conferência Intergovernamental - sobre Educação Ambiental realizada em Tbilisi em 1977. São cinco os aspectos coincidentes:

- a) Consciência - para que se possam ajudar os indivíduos e grupos sociais na Busca da sensibilidade e consequente assimilação da consciência necessária dos problemas do meio ambiente global e suas questões;
- b) Conhecimento - para adquirirem uma diversidade de experiências e compreensão fundamental do meio ambiente e os problemas que o afetam;
- c) Comportamento - que resulte em comprometimento com uma série de valores éticos, tal que os indivíduos se sintam interessados pelo meio ambiente, participando assim da proteção e da melhoria ambiental;
- d) Habilidades - para adquirirem as habilidades necessárias para a correta identificação e resolução de problemas ambientais;
- e) Participação - visando proporcionar a possibilidade da participação ativa nas tarefas que busquem resolver os problemas ambientais.

Defende-se como base vital o papel do professor, sua atitude positiva frente ao aluno e ao próprio processo educativo. A afetividade é elemento essencial na condução de um ensino que se pretenda de qualidade. Interessante explicar que a maneira de demonstrar este sentimento não é através de relações demasiadamente íntimas, mas, em condutas que validem o professor como autoridade na mediação do conhecimento, que conduzam o aluno à autonomia, e em processos que priorizem o respeito, a autonomia, o reconhecimento, às complexidades, limitações ambientais e diferenças pessoais.

Assimilar e pôr em prática a educação aberta, interpretada como um direito individual humano e coletivo inclui refletir seu poder de dotar para o exercício de outros direitos. Em outras palavras, conscientizar o ser humano como cidadão pleno, de forma tal que ele se torne habilitado para a convivência no meio em dimensão planetária.

A Educação aberta é um caminho possível para a construção de acessos entre diferentes saberes, uma janela para contemplar as necessidades de cuidado e manutenção da vida no planeta, e fundamental para a transformação social. Torna-se imperioso o resgate da beleza dos relacionamentos e a magia do encontro que a Educação Aberta permite. Edivaldo Machado Boaventura foi um exemplo da Educação Aberta em Teoria e Prática, como Docente, Gestor da Educação, Orientador e Pai Acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do estudo foi concretizada na medida em que salientou as principais ideias do texto “Educação Aberta e Comunicação em Sala de Aula”. De autoria do Professor Edivaldo M Boaventura (1994), dando ênfase a qualidade do relacionamento em sala de aula. Utilizando este autor como base teórica e outros para suporte, ensaiou-se respostas para três perguntas: 1) É possível estabelecer o equilíbrio entre a autoridade do professor e a autonomia do aluno? 2). Na educação, autoridade e autonomia são palavras antagônicas ou complementares? 3) qual o papel da afetividade nesta relação?

A relevância da pesquisa é destacada em sua parte conclusiva, quando se esboça uma sinopse da Educação Aberta como elemento de transformação social. Seguindo o planejamento, o foco deslocou-se para a qualidade do relacionamento em

sala de aula, e neste processo, para efeitos de delimitação defendeu-se um tripé estrutural constituído de autoridade, autonomia e afetividade que apoiou a – aqui defendida - construção da qualidade relacional em sala de aula.

Diante dos resultados da pesquisa, conclui-se que a afetividade é elemento indispensável no processo evolutivo humano, na formação como ser social, cenário para as variadas relações entre o indivíduo com seus pares e com os demais elementos do ambiente em que está inserido. E que o papel do educador para transformação social pode ser observado a partir da Educação Aberta, defendida e praticada pelo Educador Edivaldo Machado Boaventura.

REFERÊNCIAS

ANDREAZZA, Júlio. **Uma abordagem da afetividade entre professor e aluno nas aulas de educação física em escola de 2º grau**. 1997. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1997

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Educação aberta e comunicação em sala de aula**. R. da FAEEBA - Educação e comunicação, Salvador, n. 3, p. 52-64, jan. /dez.1994.

BOAVENTURA, Edivaldo. M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2007.

BOAVENTURA, Edivaldo. **A Educação Brasileira e o Direito**. Belo Horizonte: Nova Alvorada, 1997.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário Língua Portuguesa**. São Paulo: FDT, 2000.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Raul de Polillo. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

CEROVSKY, J. 1977. **Recursos didáticos para la educación ambiental**. In: Tendencias de la Educación Ambiental. UNESCO

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

DAVID, Hume. **Tratado da natureza humana**. 2 ed. São Paulo. UNESP, 2009.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. **Medo e ousadia: cotidiano do professor**. 5ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996.

_____. **Crítica da Razão Prática**. Trad. Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1999.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. A. Psicologia e formação docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.113-141.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

MORIN, Edgar. Universo do Conhecimento – Universidade São Marcos. São Paulo. Brasil. Planeta Terra um olhar transdisciplinar – Ciclo 2005 – **Educação Na Era Planetária**. Disponível em: <http://edgarmorin.sescsp.org.br/textos/universo-do-conhecimento/>. Acesso em: 02.12.2015

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. – 12.ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF, 2007.p,15.

SISTO, Firmino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2006.

Trent Batson, Neeru Paharia e M.S. Vijay Kumar. EDUCAÇÃO ABERTA. O Avanço Coletivo da Educação pela Tecnologia, Conteúdo e Conhecimento Abertos. **Uma Colheita Muito Farta? Uma Estrutura para a Fartura Educacional** editado por. Toru Iiyoshi e M.S. 2008,p.89

UNESCO/PNUMA. **Conferência Intergubernamental sobre Educación Ambiental – Tbilisi (URSS)**. Informe Final. Paris 1978.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 16. Ed. São Paulo: Libertad, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.